

AGRICULTURA REGENERATIVA

***Roberto Rodrigues**

O mercado de produtos biológicos e naturais cresce aceleradamente no Brasil. E a prática de produção sustentável tem sido fortemente implementada pelos produtores rurais empreendedores e inovadores. Basta verificar o espetacular aumento do plantio direto na palha (processo que revolucionou o preparo do solo, evitando a aração do terreno) e a ampla adoção de bactérias fixadoras de nitrogênio no solo a partir de inoculantes misturados às sementes de grãos na hora do plantio. Isso economiza bilhões de dólares em fertilizantes nitrogenados.

Trata-se de algumas mudanças de enfoque. Os saltos de produtividade dos últimos 35 anos se deveram a genética de melhoramento, fertilização do solo e mecanização. Agora o mundo rural avalia ações ligadas a biologia.

São práticas que se inserem na chamada Agricultura Regenerativa, conceito criado há 40 anos nos Estados Unidos pelo pesquisador Robert Rodale, com a visão de associar a saúde do solo à saúde humana a partir da produção agrícola sustentável.

O conceito assim colocado está fundamentado na eficiência produtiva, promovendo a reabilitação e a manutenção das culturas e do sistema de produção agropecuária, atuando a favor da biodiversidade, da preservação de matas nativas, e do armazenamento de recursos hídricos.

Parece complicado, mas não é tanto. O que se busca, em última instância, é: produzir alimentos com alta densidade nutricional e livre de contaminantes, a não contaminação de lençóis freáticos com resíduos químicos e a alta taxa de sequestro de carbono da atmosfera pelo solo.

Mas se não é tão complicado, tampouco é trivial: a atividade precisa ser lucrativa e isso demanda muita tecnologia e ciência, conhecimento da microbiologia, da física e da química do solo, das condições de clima, de fisiologia vegetal, adaptabilidade de cultivos, para dizer o mínimo.

O que realmente importa é o uso de boas práticas agrícolas, objetivando segurança alimentar com sustentabilidade.

O Brasil vem tendo um papel protagonista nesse movimento.

Considerando o uso dos inoculantes em soja e em outras culturas, mais de 30 milhões de hectares já são explorados com o uso de produtos biológicos.

Ninguém imagina que os insumos convencionais, como agroquímicos e fertilizantes, serão eliminados. Mas o crescimento da preocupação global, sobretudo entre a juventude, com a necessidade de produção sustentável de alimentos com a preservação de recursos naturais, contribuirá com o maior uso de biológicos, que poderão melhorar a eficiência dos químicos, e, por conseguinte aumentar o patamar de produtividade e rentabilidade das áreas que os utilizarem.

Na verdade, isso implica uma nova visão de mundo, para além da agropecuária. No limite, a agricultura regenerativa pode ser vista como um agente de paz, pelo aumento da oferta de alimentos, e de saúde, pela melhoria da microbiologia do solo.

Em resumo, o conceito geral impõe o reconhecimento de que tão importante quanto definir o QUE produzir será escolher o COMO produzir. E isto combina com a necessidade de redução das emissões de gases de efeito estufa e com temas inovadores como o Green Deal muito discutido na Europa e que não tardará a avançar para outros países como China e Estados Unidos. Ou como a consideração crescente sobre a importância da pegada de carbono para efeito de barreiras comerciais.

Agricultura Regenerativa será assunto relevante nos próximos anos em todo o mundo e o Brasil já vai marcando uma posição inovadora quanto a ele.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve neste espaço todo segundo domingo do mês.**